

A história íntima dos aparelhos: tecnologia e identidades

Resenha do livro “The inner history of devices”, de Sherry Turkle.
The MIT Press, 2008.

José Cláudio Siqueira Castanheira
Mestrando em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação
da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

The inner history of devices é o terceiro de uma série de livros editados por Sherry Turkle a partir de seminários conduzidos no *MIT Initiative on Technology and Self*, um centro de pesquisa e reflexão sobre as relações entre pessoas e objetos, sediado no *Massachusetts Institute of Technology* e dirigido pela própria Turkle. O primeiro volume, *Evocative objects: things we think with*, lançado em 2007, trata do poder dos objetos cotidianos em nossa vida. Relatos autobiográficos de artistas, cientistas e designers falam de como eles nos conectam a idéias e a pessoas. Escreve a pesquisadora:

Nós achamos familiar considerar objetos como úteis ou estéticos, como necessidades ou indulgências vãs. Nós estamos em um terreno menos familiar quando consideramos objetos como companhias para nossa vida emocional e provocações ao pensamento (2007, p. 5).

No segundo livro da série, *Falling for science: objects in mind*, Turkle e um grupo de cientistas, engenheiros, designers e estudantes, escrevem sobre objetos encontrados na infância ou adolescência e que se tornam “parte do tecido de seus selves científicos” (TURKLE, 2008b, p. 4). Ela completa: “e desde que, para cada um de nós, os muitos aspectos do *self* estão profundamente emaranhados, essas narrativas sobre objetos e ciência também exploram temas como família, amizade, lar, amor e perda” (Ibid., p. 4).

Lançado na segunda metade de 2008, *The inner history of devices* dá continuidade a alguns dos temas já trabalhados pela autora em livros anteriores como *The second self* e *Life on the screen*, mas a fala principal não é a de Turkle. Essa está a cargo dos outros autores que traduzem, em doze ensaios, os processos conflituosos de conformação de identidades a partir da relação com artefatos tecnológicos.

A tecnologia aqui tratada não é pensada como algo utilitário, antes, ela está muito mais próxima da idéia que nós construímos do “humano”. O conflito surge quando pensamos se deveríamos tratá-la assim, de forma tão íntima, como uma pessoa próxima ou como parte inseparável de nós mesmos.

Turkle divide o livro em três partes. Cada uma delas tem um olhar ligeiramente diferenciado sobre as relações entre o humano e os aparatos ao seu redor. Ligeiramente porque, em última instância, a pesquisadora vai buscar em cada um desses olhares – o da memória, o da psicanálise e o da etnografia – o que chama de um viés etnográfico íntimo. Para ela, a etnografia não é uma prática passiva. É necessária uma “escuta ativa” para fazer emergir algo que está escondido. “Através da memória, etnógrafos aprendem sobre sua vida interior e como ver o geral no particular. Eles estão mais habilitados a ouvir quando seus informantes tentarem fazer o mesmo” (TURKLE, 2008a, p. 11).

Do mesmo modo, a psicanálise fornece informações através de um

compartilhamento de experiências. Nesse sentido, o etnógrafo teria muito a aprender com a prática psicanalítica na medida em que “os sujeitos não estão ali para serem ensinados ou corrigidos” (Ibid., p. 9). Para Turkle, o etnógrafo deve prestar atenção – e ela propõe, assim, um “ouvinte preparado” – não apenas às práticas, mas àquilo que é pensado e nem sempre dito sobre elas. O significado das coisas esconde-se e é atingido por vias indiretas. “Devemos prestar atenção aos sonhos” (Ibid., p. 10). A autora acredita que, através da memória – partindo, muitas vezes, de sua própria experiência – o etnógrafo alcançaria o que o sujeito pensa de mais profundo sobre sua prática e sobre os objetos que a constroem.

A primeira parte do livro é composta de quatro textos de cunho memorialista. Todos relatam experiências pessoais de amor e repulsa a objetos que, de um modo ou de outro, tornaram-se muito próximos dos autores. Próteses oculares, telefones celulares, uma mesa para tratamento fisioterápico e um aparelho de TV funcionam como alicerces de personalidades, repositórios de memórias, pontos para onde confluem sentimentos contraditórios.

A segunda parte apresenta três textos sobre as relações de diferentes tipos de pessoas com o ambiente da Internet. Todos partem do ponto de vista da psicanálise (de fato são casos de consultório analisados) e tratam de como o ambiente da Web facilita a construção dessas diferentes identidades e como isso é feito substituindo ou aperfeiçoando outros processos de transformação considerados naturais.

Na adolescência um senso estável de *self* é rompido: adolescentes mudam tanto interna quanto externamente, e precisam reavaliar quem eles são assim que essas mudanças começam. Hoje em dia, adolescentes usam a Internet e os jogos de computador para isso (LEVY-WARREN in TURKLE, 2008a, p. 78).

Mesmo na idade adulta o computador pode servir para impor ou dissipar limites entre esse interior e o exterior. Como no caso da paciente que não conseguia associar seu comportamento através da Internet às suas atitudes cotidianas. Perguntada sobre um e-mail bastante rude que mandara para sua analista, ela responde: “Eu realmente disse isso tudo?” (LEARY in TURKLE, 2008a, p. 92). Para a analista, ao esquecer o que fazia ou escrevia no espaço virtual, a paciente havia encontrado “um jeito de dizer o que estava pensando sem ter que, inicialmente, possuir seus sentimentos” (LEARY in TURKLE, 2008a, p. 92).

Na última e maior parte encontramos cinco artigos que, aí sim, apresentam um trabalho de campo e uma metodologia mais especificamente etnográficos. Falam de assuntos bem diversos como desfibriladores cardíacos, máquinas de diálise e máquinas de videopôquer.

Assim como na psicanálise, para Turkle, a etnografia necessita de um espaço “transicional”, ou seja, retirado da vida cotidiana, que possa estabelecer significados próprios. Aqui, o etnógrafo torna-se próximo, íntimo, pronto para adentrar essas relações delicadas entre o humano e o tecnológico. Deve criar esse tipo de espaço e, assim, não modificar as vidas daqueles com quem conversa, mas ajudar a iluminar suas experiências.

Alicia Verlager, uma das memorialistas, foi obrigada a usar próteses oculares desde muito cedo. Junto com as próteses, uma série de aparatos para ajudá-la a relacionar-se com o mundo, em seus termos: “rédeas”.

Eu comecei a pensar sobre meus aparelhos eletrônicos como próteses, assim como meus olhos. Quando eu escuto meu sintetizador de fala, eu o ouço como uma voz interna. Simultaneamente eu uso e esqueço meus computadores. Eles apagaram a fronteira entre o *eu* e o *não-eu*. Algumas vezes eu penso sobre mim como se eu estivesse me tornando ficção científica (VERLAGER in TURKLE, 2008a, p. 36-37).

O termo “rédeas”, aliás, foi retirado por Verlager de um texto de 2006 da própria Turkle (*Tethering*). Ela nos diz: “rédeas referem-se a como nos conectamos a aparelhos de comunicação sempre ligados e a pessoas e coisas que alcançamos através deles, que, de uma certa maneira, agora vivem através deles, sempre prontos para pensar ou agir” (2006, p. 221).

Ao pensar em colocar próteses oculares de cores diferentes da natural, Verlager encontra a resistência de seu oculista. Percebe-se que, para ele, é importante a preservação da aparência original do corpo. O desejo de modificá-lo é inconveniente. Ela questiona se suas próteses seriam um dispositivo para restauração de um corpo estático, que apenas envelhece, ou parte de um processo contínuo de mudanças. “É melhor passar por autêntica ou é melhor ter a prótese ‘não-natural’ que se quer?” (VERLAGER in TURKLE, 2008a, p. 38).

Da mesma forma, o antropólogo Aslihan Sanal descreve, em outro artigo, os conflitos e as mudanças de percepção do próprio corpo em pacientes sujeitos a traumáticos processos de hemodiálise. “O corpo de Oguz estava se deteriorando enquanto se tornava estranho para ele. Os fluidos da diálise mudaram a imunidade e a resistência de sua pele” (SANAL in TURKLE, 2008a, p. 148).

A tecnologia é fonte de alívio e transtornos. Em alguns casos, de terror. Pacientes de cardiopatias que tiveram que submeter-se ao implante de desfibriladores cardíacos internos demonstram uma reação de repulsa intensa a algo que agora faz parte de seus corpos. À custa de choques imprevisíveis essas pessoas são mantidas vivas, mas sofrem de uma incerteza sobre o que se passa no interior de seus corpos.

Ter uma máquina dentro de você que periodicamente o traz de

volta à vida com choques provoca questões apenas levantadas na ficção científica e na filosofia bioética. Como os choques do DCI – intervenções biotecnológicas traumáticas – mudam as vidas que eles pretendem prolongar? Como eles mudam as mortes que eles tentam adiar? (POLLOCK in TURKLE, 2008a, p. 98).

Bastante curioso é o caso descrito por Anita Say Chan sobre o site *Slashdot.org*, dedicado a assuntos técnico-científicos, e seus usuários. A página tem um caráter colaborativo e acabou criando uma espécie de vício incontrolável em muitos de seus frequentadores. O interessante é que esse vício – a necessidade de acessar o conteúdo a todo instante, acompanhar o andamento das discussões, participar da solução de algumas questões colocadas – é reconhecido por esse grupo de maneira positiva. Eles se orgulham de não poder viver sem o *site*, seu conteúdo e suas discussões. “Eles falam de seu vício como se estivessem aprimorando sua capacidade de aprender, trabalhar e atuar politicamente” (CHAN in TURKLE, 2008a, p. 135).

A cultura digital cria novas maneiras de retrabalhar o pessoal. Diferentemente do processo de memória, onde, constrangidos por limites físicos e atravessados por afetos, contamos uma parte de nossa história, hoje, acreditamos poder armazená-la por completo. Turkle cita o projeto de Gordon Bell, um dos pioneiros da Internet, de criar um arquivo digital completo de uma vida. Em 1998, Bell passou a digitalizar todo material possível relacionado a ele próprio, desde cartas, livros e fotos até logotipos de canecas e camisetas. Para organizar e lidar com esse material, ele começou a trabalhar em conjunto com o pessoal da Microsoft, criando o projeto *The MyLifeBits*. O arquivo digital torna-se, assim, uma espécie de imortalidade.

O corpo também é imortalizado em 0s e 1s no projeto *Visible Human*. Rachel Prentice nos descreve esse projeto em que um cadáver de mulher é reconstruído digitalmente, após complexo processo em que ele é congelado, fatiado em lâminas finíssimas e escaneado em equipamentos de última geração. O resultado é um modelo extremamente detalhado da anatomia dessa mulher, que pode ser consultado por cientistas e estudantes. Rachel, entrevistando e observando as reações de diferentes pessoas diante da imagem do corpo na tela, conclui que o modelo digitalizado no projeto *Visible Human* nos mostra um corpo no qual não reconhecemos conexões pessoais, diferente dos afetos que surgem ao lidarmos com cadáveres. A dissecação de um cadáver, diferente de sua abstração tecnológica, dá ao estudante de medicina um objeto que o “ajuda a refletir sobre o paciente como pessoa e o corpo como objeto” (PRENTICE in TURKLE, 2008a, p. 124). Turkle completa:

O ser humano que veio a ser a mulher visível sabia o que se tornaria o seu corpo, o que seria ser transformada em um programa? Ela é um ser

humano agora usado de uma nova maneira, deslocado em um mundo virtual onde ela está à disposição de quem quiser olhar. [...] Corpos na Internet são apenas outra janela na tela (TURKLE, 2008a, p. 18).

Em *The second self*, a autora já nos dizia que um dos principais efeitos culturais do computador é o quanto ele está presente em nosso pensamento sobre nós mesmos (TURKLE, 1984). Em *The inner history of devices*, ela vê a tecnologia como um teste de Rorschach(1), uma tela projetiva para “nossos compromettimentos mutantes e emocionalmente carregados” (TURKLE, 2008a, p. 11).

A proposta de Turkle sobre o entrelaçamento das práticas de memória, psicanálise e etnografia, colocada neste livro, ainda carece de um aprofundamento. É uma idéia em aberto que ela deixa para que seus colaboradores desenvolvam a partir de lembranças, trabalhos de consultório e de campo. Esses autores têm que trabalhar com objetos carregados de sentidos previamente sancionados. Ao mesmo tempo, e é isso que Turkle identifica nos procedimentos tanto da psicanálise como da etnografia, vivemos um momento de “novas verdades”. “As pessoas se expressam de maneiras que são altamente particulares, quase idiossincráticas” (TURKLE, 2008a, p.11). O etnógrafo e o psicanalista têm que ir além dos modelos de interpretação onde o sujeito submete-se passivamente a uma descrição. Esse sujeito tende a modificar constantemente as suas relações com o mundo. A tecnologia ajuda a arquitetar suas intimidades.

Assim como a experiência individual é falha no quesito de armazenamento e acesso, a tecnologia não é capaz de, por si só, capturar integralmente uma vivência particular. O digital trabalha sob a égide das cronologias e categorias, a memória humana dispõe dos eventos como significados sempre em mudança. A memória, a psicanálise e a etnografia “não são apenas sobre capturar eventos, mas sobre lembranças e esquecimentos, escolhas e interpretação” (Ibid., p. 26).

Referências bibliográficas

TURKLE, Sherry (Ed.) *The inner history of devices*. Massachusetts: The MIT Press, 2008a.

_____. *Falling for science: objects in mind*. Massachusetts: The MIT Press, 2008b.

_____. *Evocative objects: things we think with*. Massachusetts: The MIT Press, 2007.

_____. *The second self: computers and the human spirit*. New York: Simon and Schuster, 1984.

_____. *Life on the screen: identity in the age of the Internet*. New York: Simon and Schuster, 1995.

_____. Tethering. In: JONES, Caroline A. (Ed.). *Sensorium: Embodied experience, technology, and contemporary art*. Massachusetts: The MIT Press, 2006.

Nota

1 O teste de Rorschach, desenvolvido pelo psiquiatra suíço Hermann Rorschach, consiste em obter-se um quadro da dinâmica psicológica de um paciente através de suas interpretações de manchas simétricas de tinta em uma prancha ou folha de papel em branco.